

Demandas e Urgências da Formação Teológica no Terceiro Milênio

Valdir R. Steuernagel

Tentei várias formas de entrar no assunto deste painel. Joguei no lixo diversos rascunhos. Acabei decidindo vir aqui para contar três histórias. Contar histórias para sobreviver, segundo Nelson Kirst disse ontem.

No final de 1991, eu e minha família nos mudamos de Canoas para Curitiba com o objetivo de me integrar ao processo de instalação do Centro de Pastoral e Missão (CPM). Uma das percepções mais significativas para mim, nesta mudança, foi entrar em contato com a fragilidade das relações denominacionais que marcava a vida eclesial em Curitiba. Percebi então que as pessoas circulam com enorme facilidade, de um lugar para outro, no assim chamado mercado religioso.

Não há mais segredo em relação às atividades religiosas dos diferentes grupos, das diferentes igrejas numa cidade como Curitiba. Não há feudos, não há mercado cativo e as pessoas simplesmente vão de um lugar para o outro segundo os programas, segundo os anúncios, segundo aquilo que se fala de boca a boca ou se divulga no rádio e na televisão. Essa ausência de fronteiras me impactou porque nós saímos de um mundo onde fomos acostumados a trabalhar dentro de fronteiras, e quem sabe a nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) seja uma das que mais tem segurado suas fronteiras. Em Curitiba percebi que as fronteiras se haviam fragilizado. As pessoas não ficavam mais na Igreja porque os avós eram luteranos ou porque a mãe foi fundadora da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE). Hoje, a relação das pessoas com a Igreja-instituição é diferente. Ou a Igreja tem alguma coisa a dizer, se conecta e inter-relaciona com as pessoas, interage com as necessidades fundamentais, individuais e coletivas das mesmas, ou então elas vão embora.

Uma das demandas e urgências da formação teológica nesta década de 90 rumo ao terceiro milênio é que nós precisamos de uma formação e de uma formulação teológicas que saibam ouvir. A formação teológica que em primeira instância fala, mas não é capaz de ouvir as necessidades fundamentais e as necessidades básicas das pessoas, no seu nível individual e no seu nível coletivo, precisa de uma profunda revisão. Esta é uma mudança fundamental na própria concepção do que sejam a formação e a formulação teológicas, pois nós, afinal, temos entendido a formação teológica como um processo de acumulação do saber que amanhã será transmitido e reassimilado. Ou seja, acumulamos conhecimento

que a nível discursivo passamos adiante. Esta formação já não serve porque este discurso já ninguém ouve. A formação teológica que prepara para o futuro precisa ser aberta, uma formação que, mesmo tendo consciência de si mesma, tenha profundas raízes numa espiritualidade que não depende de discursos que comunicam a nível do conhecimento linear.

A segunda história: saí, um dia desses, para fazer um lanche com meu filho mais velho, que tem hoje 17 anos. Ele é um típico filho da pós-modernidade. Não apenas no seu exterior, com os seus cabelos compridos e as suas roupas um pouco excêntricas, mas na sua cabeça e sua forma de pensar e “ver” a vida. Enquanto comíamos e conversávamos, ele levantou alguns assuntos que o estavam preocupando e tinha relação com a vivência da sua fé. Eram conflitos que ele estava trabalhando no seu interior, na sua alma. E, enquanto ele falava, eu acumulava respostas na minha mente, pois eu sou, afinal, treinado para dar respostas. Desta forma eu pensava “ponto nº 1, nº 2, nº 3”, até que, de repente, percebi que não era este o caminho que deveria seguir e, felizmente, desisti das minhas respostas.

Num momento da nossa conversa ele disse: “É, pai, eu acho que a diferença é que a minha geração pensa mais emocionalmente.” Percebi, então, que o Marcell havia conseguido verbalizar algo que é fundamental para ele e que representa uma diferença fundamental entre a geração dele e a minha geração. Porque na minha geração o importante não era essa dimensão do emocional. O cognitivo era o fundamental. O saber era essencial. A formulação e a “ortodoxia da formulação” eram básicas. Para ele a ortodoxia ainda é importante, mas o jeito de se chegar a ela não é via discurso, mas via coração, intuição. E eu sinto (percebo-me usando a linguagem do sentimento) e percebo que não é só o meu filho que vive assim.

A nossa experiência com o processo de formação que vivemos no CPM é muito similar. Para caminhar a nível de uma relação de confiança com os alunos do CPM, não posso trabalhar, simplesmente, a partir de uma perspectiva discursiva e cognitiva. O tempo da formulação teórica e o tempo do discurso supremo parece que se foram. A formação teológica que caminha rumo ao terceiro milênio precisa saber o que fazer com a emoção e achar uma linguagem para o universo do coração. Ademais, ela precisa saber trabalhar a relação. A questão da contextualização não passa simplesmente pelo nível da análise e da interpretação, mas pela emoção e pela relação. Parece-me, porém, que a partir de nossa história e herança nós somos muitos pobres em ambas as dimensões.

A terceira história: era um desses domingos nos quais eu havia dirigido o culto. A igreja já estava vazia. Descendo as escadarias, percebi que havia dentro de mim um vazio, uma tristeza da alma. Confesso ser uma pessoa bastante “adrenalina” em relação à pregação. Encanta-me pregar e a experiência do púlpito geralmente me leva “para cima”, e não “para baixo”.

Mas naquela manhã de domingo, descendo as escadarias da igreja, eu per-

cebia uma tristeza, um vazio dentro de mim. Eu havia pregado sobre o livro de Jonas, sobre a conversão de Nínive e a tarefa do envio da Igreja para as “Nínives” de nosso tempo. Eu havia dito que se Nínive se convertera, também haveria esperanças para a cidade na qual vivemos. Porém naquela manhã de domingo eu pensava na cidade em que vivia e relutava em acreditar naquilo que falara no culto. E me perguntava, então, se essa tristeza do “pregador” não era típica da crise dos meus 40 anos. Certamente havia naquela experiência um componente da crise da meia idade. Mas a crise que eu experimentava nas minhas entranhas era, também, uma crise mais profunda. Era parte da crise da utopia e da esperança que caracteriza estes anos 90.

Faço parte, portanto, de uma geração que teve os seus discursos profundamente questionados. Uma geração que viu altos muros caírem e, junto com eles, caíram escamas dos nossos olhos, e vimos que algumas das respostas que nós tínhamos eram muito curtas e as análises que fazíamos eram muito secas. Os nossos discursos ficaram sem eco. Faço parte, então, desta geração que caminha para o terceiro milênio, envolta em uma profunda crise de esperança coletiva. Uma crise de sonhos que já não geram utopia. Eu até me percebi cansado das minhas próprias respostas. Cansado desta herança de um filho do iluminismo em meio a uma modernidade aos cacos.

Nesse processo simultâneo de diagnóstico e busca, algumas descobertas se me tornaram importantes. Em primeiro lugar se me tornou importante o reencontro com a Bíblia. Tive que reaprender a me relacionar com a Bíblia. Eu já não podia ser como um médico a dissecar um cadáver. E me parece que no processo de educação teológica nós somos tão treinados a dissecar o cadáver, que nos falta essa relação de abertura e de submissão à Bíblia, a capacidade de ouvir e ler a Bíblia contra nós, como Bonhoeffer nos ensinou. Voltei à Bíblia. Vim lê-la a partir da busca da minha alma. E a Bíblia começou a ser uma espécie de nova música para uma nova dança. E eu, faceiro, fui dançar e, surpreendentemente, fazer poesia.

Em segundo lugar, passei a descobrir o valor da intimidade com Deus. Uma intimidade que não anula a necessidade de falar contra Nínive, mas que leva a incluir nessa fala a dimensão da compaixão e da esperança.

Em terceiro lugar, comecei a passar por um processo no qual me descobri não apenas como uma pessoa do discurso, mas da agenda. Percebi a necessidade de redimensionar a minha vida para a relação, com Deus e com as pessoas. Descobri a necessidade de olhar o outro na perspectiva da relação, da pessoa. Nesta perspectiva da relação a comunidade de fé passa a ser essencial, pois a comunidade de fé é aquela que alimenta e sustenta, apóia e põe de pé para que eu possa me dispor ao ministério cristão.

Em quarto lugar, reenfatei a prioridade da missão, pois é a missão que leva a Igreja a olhar para além de suas fronteiras. É o compromisso com a missão que realimenta a Igreja. E é este engajamento na missão que volta a dar esperança.

Creio que a formação teológica para este terceiro milênio, que está à porta, precisa trabalhar estes elementos. Precisa redescobrir a Bíblia na dimensão do alimento para a vida e cultivar espaços para a intimidade com Deus. Precisa aprender a conversar, mais do que discursar, e a conversar a partir da perspectiva da relação. E precisa fazer teologia a partir da perspectiva da relação. E carece, não por último, de fazer teologia a partir da perspectiva da missão. A boa teologia é sempre e somente aquela que passa a ser missiologia. E há uma frase de Lutero que, de alguma forma, resume este fazer teológico. É quando Lutero diz que a cruz somente é a nossa teologia. A Igreja do terceiro milênio precisa reaprender a ser Igreja a partir da perspectiva da cruz.